

Danah Zohar e Ian Marshall

INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL

Q&S

Aprenda a desenvolver
a inteligência
que faz a diferença



viva  livros

Danah Zohar e Ian Marshall

QS
INTELIGÊNCIA
ESPIRITUAL

Tradução de
RUY JUNGSMANN

2ª edição



RIO DE JANEIRO – 2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Zohar, Danah

Z72q QS : inteligência espiritual [recurso eletrônico] / Danah Zohar, Ian Marshall; tradução Ruy Jungmann. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Viva Livros, 2017.
recurso digital

Tradução de: SQ : the ultimate intelligence

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-8103-105-7 (recurso eletrônico)

1. Inteligência espiritual. 2. Vida espiritual. 3. Conduta. 4. Valores – Aspectos psicológicos. 5. Livros eletrônicos. I. Marshall, Ian. II. Jungmann, Ruy. III. Título.

17-44576

CDD: 153.9

CDU: 159.923.32

QS: Inteligência espiritual, de autoria de Danah Zohar e Ian Marshall.

Título número 008 da Coleção Viva Livros.

Segunda edição impressa em maio de 2016.

Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original norte-americano:

SQ: THE ULTIMATE INTELLIGENCE

Copyright © 2000 by Danah Zohar e Ian Marshall.

Copyright da tradução © by Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Direitos de reprodução da tradução cedidos para Edições Viva Livros, um selo da Editora Best Seller Ltda. Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A. e Editora Best Seller Ltda são empresas do Grupo Editorial Record.

www.vivalivros.com.br

Design de capa: Simone Villas-Boas.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o mundo adquiridos pela Editora Best Seller Ltda. Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000 que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-8103-105-7

Agradecimentos

Gostaria de expressar minha gratidão a Quentin Baer e Cambridge Management Consultants por sua generosa contribuição para pesquisa durante a elaboração deste livro.

O poema “Healing”, do livro *The Complete Poems of D. H. Lawrence*, de D. H. Lawrence, organizado por V. de Sola Pinto, F. W. Roberts, copyright © 1964, 1971, por Angelo Ravagli e C. M. Weekley, testamentários do estado da Frieda Lawrence Ravagli, foi utilizado com a permissão da Viking Penguin, uma divisão da Penguin Putnam Inc., e de Laurence Pollinger Ltd.

Trechos de “I think continually of those who were truly great”, de Stephen Spender, extraídos da obra *The Collected Poems*, e “Little Gidding” de “Four Quartets”, de T. S. Eliot, foram utilizados com a permissão de Faber and Faber Limited.

Trechos do Soneto 4 de *Sonnets to Orpheus*, de Rainer Maria Rilke, organizado e traduzido por C. F. MacIntyre, copyright © 1960, por C. F. MacIntyre, foram utilizados com a permissão da University of California Press.

Trechos de *The Lord of the Rings*, de J. R. R. Tolkien, foram usados com a permissão de HarperCollins Publishers.

Trechos de *The Duino Elegies*, de Rainer Maria Rilke, traduzido por Stephen Cohn, foram usados com a permissão de Carcanet Press Limited.

Trechos de *Gitanjali*, de Rabindranath Tagore, com a permissão de Visva-Bharati, Publishing Department, Visva-Bharati University, Calcutá.

Trechos de *Rilke on Love and Other Difficulties*, de Rainer Maria Rilke, traduzido por J. J. L. Mood © 1975, com a permissão de W. W. Norton & Co., Nova York.

Em memória de meu pai, Donald E. Logan,
Toledo, Ohio, 1919-1981

Nota dos autores

Embora este livro esteja escrito na primeira pessoa por Danah Zohar, seu conteúdo é fruto do trabalho conjunto de seus autores.

Sumário

Parte I: O que é QS

1. Introdução
2. A crise do sentido

Parte II: A prova científica da inteligência espiritual

3. Três tipos de pensamento, três tipos de inteligência
4. Mais sobre oscilações neurais de 40 Hz, consciência e QS
5. O “Ponto Deus” no cérebro

Parte III: Um novo modelo do eu

Interlúdio: uma breve história da humanidade

6. O lótus do eu I: a camada do ego
7. O lótus do eu II: o meio associativo
8. O lótus do eu III: o centro

Parte IV: Usando o QS

9. Como o homem se torna espiritualmente atrofiado
10. Curando-nos com o QS
11. Nossa bússola na borda: utilizando o QS para construir uma nova ética
12. Qual é o meu tipo de personalidade?

Parte V: Podemos melhorar nosso QS?

13. Seis caminhos para melhorar a inteligência espiritual
14. Avaliando meu QS

15. Como ser espiritualmente inteligente em uma cultura espiritualmente embotada

Apêndice

Notas

Bibliografia

Não me interessa saber o que você faz para ganhar a vida.
Quero saber o que você deseja ardentemente, se ousa sonhar em atender aos anseios de seu coração.
Não me interessa saber sua idade.
Quero saber se você se arriscará a parecer um tolo por amor, por sonhos, pela aventura de estar vivo.
Não me interessa saber que planetas estão em quadratura com sua lua.
Quero saber se tocou o âmago de sua dor, se as traições da vida o despertaram ou se você se tornou murcho e fechado por medo de mais dor!
Quero saber se pode suportar a dor, minha ou sua, sem procurar escondê-la, reprimi-la ou narcotizá-la.
Quero saber se você pode aceitar alegria, minha ou sua; se pode abandonar-se à dança e deixar que o êxtase o domine até as pontas dos dedos das mãos e dos pés, sem nos dizer para termos cautela, sermos realistas ou nos lembrarmos das limitações de sermos humanos.
Não me interessa se a história que me conta é a verdade.
Quero saber se consegue desapontar outra pessoa para ser autêntico consigo mesmo, se pode suportar a acusação de traição e não trair sua alma.
Quero saber se você pode ver beleza mesmo que ela não seja bonita todos os dias, e se pode buscar a origem de sua vida na presença de Deus.
Quero saber se você pode viver com o fracasso, seu e meu, e ainda, à margem de um lago, gritar para a lua prateada: “Eu posso!”
Não me interessa onde você mora ou quanto dinheiro tem.
Quero saber se pode levantar-se após uma noite de sofrimento e desespero, cansado, ferido até os ossos, e fazer o que tem de ser feito pelos filhos.
Não me interessa saber quem você é e como veio parar aqui.
Quero saber se você ficará comigo no meio do fogo e não se acovardará.
Não me interessa saber onde, o que ou com quem você estudou.
Quero saber o que o sustenta a partir de dentro, quando tudo mais
[desmorona.
Quero saber se consegue ficar sozinho consigo mesmo e se realmente gosta da companhia que tem nos momentos de vazio.

The Invitation, inspirado por Sonhador da Montanha Oriah,
um índio americano ancião, em maio de 1994¹

Parte I

O que é QS

1

Introdução

No início do século XX, o QI (Quociente de Inteligência) tornou-se assunto constante de conversas. Nossa inteligência intelectual, ou racional, é a que usamos para solucionar problemas lógicos ou de grande importância. Psicólogos desenvolveram testes para avaliá-la, e estes tornaram-se instrumentos para classificar o grau de inteligência dos indivíduos, indicando suas habilidades e talentos. Quanto mais alto o QI do indivíduo, dizia a teoria, maior sua inteligência.

Em meados da década de 1990, Daniel Goleman¹ popularizou pesquisas realizadas por diversos neurocientistas e psicólogos, demonstrando que a inteligência emocional – que, como abreviação conveniente, chamo de QE, Quociente Emocional – reveste-se de igual importância. O QE nos dá percepção de nossos sentimentos e dos sentimentos dos outros. Dá-nos empatia, compaixão, motivação e capacidade de reagir apropriadamente à dor e ao prazer. Conforme observou Goleman, o QE constitui requisito básico para o emprego efetivo do QI. Se estão lesionadas as áreas cerebrais com as quais *sentimos*, nós *pensamos* com menos eficiência.

No fim do século XX, um conjunto de dados científicos, ainda não assimilados, mostrou-nos que há um terceiro “Q”. A descrição total da inteligência humana pode ser finalmente completada com a discussão da inteligência espiritual ou, abreviadamente, QS – Quociente Espiritual (*Spiritual Quocient*). Por QS refiro-me à inteligência com que abordamos e solucionamos problemas de sentido e valor; a inteligência com a qual podemos inserir nossos atos e nossa vida em um contexto mais amplo, mais rico, mais gerador de significado; a inteligência com a qual podemos avaliar que um curso de ação ou caminho na vida faz mais sentido do que outro. O Quociente Espiritual (QS) é o embasamento necessário para o funcionamento eficaz do QI e do QE. É a nossa inteligência final.

Em seu livro *Inteligências múltiplas*, Howard Gardner, de Harvard, diz que há pelo menos sete tipos de inteligência, incluindo a musical, a espacial, a esportiva, além da racional e da emocional. Contudo, neste livro,

argumento que nossas inteligências, possivelmente infinitas, podem estar ligadas a um dos três sistemas neurais do cérebro e que todos os tipos de inteligência que Gardner descreve são, na verdade, variações do QI, do QE e do QS, e de suas configurações neurais associadas.

O dicionário Webster define espírito como “o princípio animador ou vital; aquilo que dá vida ao organismo físico, em contraposição a seus elementos materiais; o hálito da vida”. Seres humanos são essencialmente criaturas espirituais, porque somos impulsionados pela necessidade de fazer perguntas “fundamentais”. Por que nasci? Qual o significado de minha vida? Por que devo continuar a lutar quando estou cansado, deprimido ou me sentindo derrotado? O que torna a vida digna de ser vivida? Somos impulsionados, na verdade determinados, por um anseio especificamente humano, o de encontrar sentido e valor no que fazemos e experimentamos. Sentimos o anseio de ver nossa vida em um contexto mais amplo, que lhe confira sentido, seja a família, a comunidade, o clube de futebol, o trabalho, as convicções religiosas ou o universo em si. Ansiamos por algo pelo qual possamos aspirar, por algo que nos leve além de nós mesmos e do momento presente, por alguma coisa que nos dê, e dê a nossos atos, um senso de valor. Alguns antropólogos e neurobiólogos argumentam que foi esse anseio por sentido e o valor evolutivo que ele confere que puxaram os seres humanos das árvores para o chão há cerca de dois milhões de anos. A necessidade de sentido, argumentam eles, gerou a imaginação simbólica, o aparecimento da linguagem e o crescimento extraordinário do cérebro humano.²

Nem o QI nem o QE, separadamente ou combinados, são suficientes para explicar a enorme complexidade da inteligência humana nem a riqueza imensa da alma do homem e de sua imaginação. Computadores têm QI alto: conhecem as regras e podem segui-las sem cometer erros. Animais, não raro, possuem QI alto: têm um senso da situação em que se encontram e sabem como reagir apropriadamente a ela. No entanto, nem computadores nem animais perguntam *por que* obedecemos a essas regras, por que estamos em certas situações ou se elas podem ser diferentes ou melhores. Eles se comportam *dentro* de limites, participando de um “jogo finito”. O QS permite que seres humanos sejam criativos, mudem as regras, alterem situações. Permite-nos trabalhar *com* limites, participar do “jogo infinito”.³ O QS nos dá capacidade de escolher. Presenteia-nos com um senso moral, uma capacidade de amenizar normas rígidas com compreensão e compaixão, bem como com a capacidade de saber quando a compaixão e a compreensão chegaram a seus limites. Usamos o QS

(Quociente Espiritual) para lutar com questões acerca do bem e do mal, e imaginar possibilidades irrealizadas – sonhar, aspirar, superar situações difíceis.

E é principalmente esse poder transformador que diferencia o QS do QE. Da forma como Daniel Goleman a define, minha inteligência emocional me permite julgar em que situação me encontro e, em seguida, comportar-me apropriadamente dentro dela. Isso significa trabalhar *dentro* dos limites da situação, permitindo que *ela* me oriente. Já minha inteligência espiritual permite que eu pergunte a mim mesmo, de início, se quero estar em uma situação particular. Eu não poderia mudá-la, criando outra melhor? Isso implica trabalhar *com* os limites da situação em que me encontro, permitindo-me conduzir a *situação*.

Finalmente, como teremos oportunidade de ver quando analisarmos a base neurológica do QS, este opera do centro do cérebro – das funções neurológicas unificadoras do cérebro – e integra todas as nossas inteligências. O QS nos torna as criaturas plenamente intelectuais, emocionais e espirituais que somos.

Em condições ideais, as três inteligências básicas funcionam juntas e se apoiam mutuamente. O modo como funciona nosso cérebro permite que elas tenham condições de fazer isso, mas todas – o QI, o QE e o QS – apresentam uma área própria em que são mais fortes e podem também funcionar separadamente. Isto é, não somos necessariamente poderosos ou fracos em todas as três ao mesmo tempo. Não precisamos ter um poderoso QI ou QS para termos um QE alto. Podemos ser fortes em QI e fracos em QE e QS, e assim por diante.

TRÊS PROCESSOS PSICOLÓGICOS

Toda a psicologia ocidental tem por fundamento dois processos. A inteligência espiritual introduz um terceiro e, portanto, exige expansão da psicologia como ciência e uma compreensão mais profunda do eu humano.

Inicialmente, Freud definiu os dois processos psicológicos como primário e secundário. O primeiro está associado ao id, aos instintos, ao corpo, às emoções e ao inconsciente. O segundo está ligado ao ego, à mente consciente, racional. Para Freud, este último era o mais alto, superior: “Onde o id era, o ego será.” Outros autores, seguindo Freud, enfatizaram ocasionalmente a maior importância do processo primário. Toda a psicologia subsequente, porém, incluindo a ciência cognitiva, manteve a

estrutura dos dois processos. O processo primário poderia ser denominado QE (com base na “fiação neural associativa” do cérebro) e o secundário, QI (com base na “fiação neural serial” do cérebro).

Fundamentada como está nesses dois processos, a psicologia ocidental, na verdade, interpõe um espaço vazio, um buraco, no centro do eu. Os processos primário e secundário rivalizam entre si por controle e expressão. Nem a razão nem as emoções podem apelar para qualquer outra coisa além de si mesmas. Não têm origem comum, por meio da qual possam ser integradas e transformadas. Não incluem uma dimensão transpessoal. O eu jungiano, ou “função transcendental” jungiana, constituiu uma tentativa de estabelecer uma ponte entre as duas margens. A neurobiologia, porém, ainda não havia se desenvolvido o suficiente durante a vida de Jung (falecido em 1961) e não podia oferecer base científica para sua psicologia avançada.

O QS (com base no terceiro sistema neural, as oscilações neurais sincronizadas que unificam os dados em todo o cérebro) oferece-nos, pela primeira vez, um terceiro e viável processo. Esse processo unifica, integra e reveste-se do potencial de transformar o material surgido dos outros dois processos. Facilita um diálogo entre a razão e a emoção, entre a mente e o corpo. Fornece um núcleo para crescimento e transformação, oferece ao eu um centro ativo, unificador, gerador de sentido.

O LÓTUS DO EU

A descoberta de que o QS fornece à psicologia um processo terciário exige o desenvolvimento de um novo modelo psicológico do eu e da personalidade humana. Os modelos anteriores tiveram duas “camadas”: a externa, ou a personalidade consciente, racional; e a interna, formada de associações e motivações, na maior parte inconscientes. O terceiro processo introduz uma terceira camada, um ponto central.

Neste livro, o eu é apresentado como um lótus de seis pétalas. A camada externa de cada pétala representa o ego, distribuído entre os seis tipos possíveis de personalidade ou funções reconhecidos por diversos psicólogos. Neste livro, recorrerei principalmente a três fontes extensamente pesquisadas: o trabalho de J. F. Holland sobre testes vocacionais e seis tipos de personalidade; os seis tipos de Jung, tais como usados por Myers-Briggs (introversão, extroversão, pensamento, sentimento, sensação, intuição); e o trabalho de Cattell sobre motivação.

Todos nós podemos encontrar os principais aspectos de nossa personalidade consciente distribuídos entre as pétalas do lótus. Em um nível mais profundo, cada pétala tem sua camada de processo primário, com suas associações inconscientes e suas motivações. No substrato mais profundo dessa camada inconsciente situa-se o inconsciente coletivo, com seus arquétipos, da forma descrita por Jung. No centro do lótus encontramos a camada terciária, o núcleo do eu, do qual extraímos a energia e o potencial necessários para nos transformarmos. As seis pétalas e o centro do lótus correspondem também aos sete chakras descritos pela Kundalini Yoga do hinduísmo e por diversas outras estruturas místicas e mitológicas encontradas no budismo, na Grécia antiga, no pensamento cabalístico judaico e nos sacramentos cristãos.

Com o modelo do lótus de seis pétalas/tipos de personalidade, poderemos discutir seis maneiras de o homem ser espiritualmente atrofiado e seis outras de como ele pode tornar-se espiritualmente inteligente. Esse modelo fornece ao leitor um mapa, com o qual poderá encontrar a própria personalidade, seus pontos fortes e fracos e o melhor caminho para o crescimento e a transformação.

QS NÃO IMPLICA SER RELIGIOSO

O grande problema na mente do homem moderno é o do sentido. Numerosos escritores afirmam que a falta de um sentido mais profundo na vida é a crise básica de nossa época. Sinto isso quando, todos os meses, viajo ao exterior, falando a plateias do mundo todo. Aonde quer que eu vá, quando nos reunimos para um drinque ou uma refeição, o assunto volta-se para Deus, sentido, visão, valores, anseios espirituais. Hoje, muitas pessoas atingiram um nível sem precedentes de bem-estar material. Ainda assim, querem mais. Muitas falam de um vazio “aqui”, apontando para o abdome. O “mais” que preencheria o vazio raramente tem qualquer ligação com a religião formal. Na verdade, a maioria das pessoas que busca realização espiritual não vê qualquer relação entre seus anseios e a religião formal.

O QS não mantém uma conexão necessária com a religião. Para algumas pessoas, o QS talvez encontre um modo de expressão pela religião tradicional. Ser religioso, porém, não garante um QS elevado. Diversos humanistas e ateus têm um QS muito alto; inúmeros indivíduos religiosos apresentam um QS baixíssimo. Estudos realizados pelo psicólogo Gordon Allport há cinquenta anos demonstraram que há mais pessoas que passam

por experiências religiosas *fora* dos limites das instituições religiosas que dentro delas.

A religião convencional é um conjunto de regras e crenças impostas de fora. Foi herdada de sacerdotes, profetas ou livros sagrados, ou absorvida por intermédio da família ou das tradições. O QS, da forma descrita neste livro, é uma capacidade *interna*, inata, do cérebro e da psique humana, extraindo seus recursos mais profundos do âmago do próprio universo. É um instrumento desenvolvido ao longo de milhões de anos que habilita o cérebro a descobrir e aplicar sentido na solução de problemas. As rápidas mudanças ocorridas no mundo ocidental nos últimos três séculos lançaram as religiões convencionais numa luta para continuar a fazer sentido para o homem. Hoje, teremos de usar nosso QS inato para abrir novos caminhos, descobrir novas manifestações de sentido, alguma coisa que nos *toque* e que possa nos guiar de dentro de nós mesmos.

A inteligência espiritual é a inteligência da alma. É a inteligência com a qual nos curamos e com a qual nos tornamos seres verdadeiramente íntegros. Um grande número de pessoas leva hoje em dia uma vida de dolorosa fragmentação. Ansiamos pelo que o poeta T. S. Eliot denominou “união mais profunda, mais comunhão”,⁴ mas poucos recursos encontramos em nosso ser limitado pelo ego ou nos símbolos ou instituições existentes em nossa cultura. O QS é aquele que repousa na parte profunda do eu conectada com a sabedoria que nos chega de além do ego ou da mente consciente. É a inteligência com a qual reconhecemos não só valores existentes, mas com a qual, criativamente, descobrimos novos valores. O QS independe da cultura ou de valores. Não evolui *de* valores existentes. Para começar, *cria*, em vez disso, a própria possibilidade de termos valores. Ao longo da história humana, todas as culturas conhecidas tiveram *algum* conjunto de valores, embora eles diferissem de uma cultura a outra. O QS, portanto, é anterior a todos os valores específicos e a qualquer cultura específica. É, por conseguinte, anterior também a qualquer forma que a expressão religiosa possa assumir. Torna possível (e talvez até mesmo necessário) o religioso, mas independe de religião.

Rumi, poeta místico sufista do século XIII, pode ter pensado na relação entre QS, valores e religião quando escreveu as seguintes palavras:

Não sou cristão, não sou judeu, não sou zoroastriano,
Não sou nem mesmo muçulmano.
Não pertenço à terra ou a qualquer mar conhecido ou

desconhecido.

A natureza não pode me possuir nem me reivindicar, e o céu,
[tampouco.

Nem também a Índia, China, Bulgária,
Meu torrão natal em nenhum lugar está,
Meu signo é ter e não ter signo.

Talvez digas que me vês a boca, as orelhas, o nariz – mas eles
[não são meus.

Eu sou a vida da vida.

Sou aquele gato, esta pedra, ninguém.

Joguei fora a dualidade, como se faz com um velho pano de
[enxugar prato.

Vejo e conheço todos os tempos e mundos,

Como único, único, sempre único.

O que, pois, tenho de fazer para que reconheças quem te fala?

Aceita isso e muda tudo!

Esta é tua própria voz ecoando das muralhas de Deus.⁵

O que denomino aqui QS, ou inteligência espiritual, é a voz que ecoa das muralhas do Deus de Rumi. No entanto, à medida que percorrermos juntos este livro, veremos que há uma pequena diferença.

PROVA CIENTÍFICA DO QS

O QS é uma capacidade tão antiga quanto a humanidade, embora o conceito seja desenvolvido plenamente, e pela primeira vez, apenas neste livro. Até agora, a ciência e a psicologia científica têm andado à deriva quando discutem o sentido e o papel que desempenham em nossa vida. A inteligência espiritual tem sido um tópico constrangedor para acadêmicos porque a ciência atual não está preparada para estudar coisas que não possa mensurar objetivamente.

Existe de fato um grande volume de prova científica do QS em estudos neurológicos, psicológicos e antropológicos recentes da inteligência humana e em estudos sobre pensamento humano e processos linguísticos. Cientistas já realizaram a maior parte da pesquisa básica que revela as bases neurais do QS no cérebro. O paradigma dominante do QI, no entanto, se sobrepôs a outras pesquisas sobre seus próprios dados. Este livro reunirá

quatro correntes específicas de pesquisa que até então permaneceram separadas devido à natureza altamente especializada da ciência.

Em primeiro lugar, em princípios da década de 1990, tivemos a pesquisa realizada pelo neuropsicólogo Michael Persinger e, mais recentemente, em 1997, pelo neurologista Vilayanu Ramachandran e sua equipe na Universidade da Califórnia, sobre a existência de um “ponto Deus” no cérebro humano. Esse centro espiritual interno localiza-se entre conexões neurais nos lobos temporais do cérebro. Em exames realizados com topografia de emissão de pósitrons (escaneamento PET), essas áreas se iluminaram em todos os casos em que os pacientes pesquisados participavam da discussão de tópicos espirituais ou religiosos. Esses tópicos variam segundo as culturas. Ocidentais respondiam à menção da palavra “Deus”, ao passo que budistas e outros reagiam a símbolos que tinham sentido para eles. Essa atividade do lobo temporal tem sido ligada há anos às visões místicas de epiléticos e de usuários de LSD. O trabalho de Ramachandran foi o primeiro a demonstrar que o centro em causa está ativo em pessoas normais. O “ponto Deus” não prova a existência de Deus, mas, de fato, demonstra que o cérebro evoluiu para fazer as “perguntas finais”, para ter e usar a sensibilidade para sentido e valores mais amplos.

Em segundo lugar, o trabalho do neurologista austríaco Wolf Singer na década de 1990 sobre “o problema da aglutinação” mostra que há um processo neural no cérebro dedicado a unificar e conferir sentido às nossas experiências – um processo neural que literalmente as “aglutina”. Antes do trabalho de Singer sobre oscilações neurais sincronizadas em todo o cérebro, neurologistas e cientistas cognitivos só reconheciam duas formas de organização neural.

Uma delas, as conexões neurais seriais, constitui a base de nosso QI. Tratos neurais conectados serial e logicamente permitem que o cérebro siga regras, pense lógica e racionalmente, dê um passo após outro. Na segunda forma, a organização neural em rede, feixes de até cem mil neurônios são conectados de forma acidental a outros cachos maciços. Essas redes constituem a base do QE, a inteligência ativada pela emoção, reconhecedora de padrões, formadora de hábitos. Existem computadores seriais e paralelos que têm capacidades diferentes, mas nenhum dos dois tipos pode trabalhar com o sentido. Nenhum computador ora existente pode perguntar “Por quê?”. O trabalho de Singer na unificação de oscilações neurais oferece o primeiro indício de um terceiro tipo de pensamento, o pensamento unitivo, e um concomitante terceiro modo de inteligência, o QS, que pode lidar com essas questões.

Em terceiro lugar, como fruto do trabalho de Singer, a pesquisa realizada por Rodolfo Llinas, em meados da década de 1990, sobre consciência no sono e em estado de vigília, e sobre aglutinação de eventos cognitivos no cérebro, foi muito aperfeiçoada pela nova tecnologia MEG [magnetoencefalográfica], que permite estudos dos campos elétricos oscilantes do cérebro e de seus campos magnéticos associados.

Em quarto lugar, o neurologista e antropólogo biológico Terrance Deacon, da Universidade de Harvard, publicou recentemente novos trabalhos sobre as origens da linguagem humana (*The Symbolic Species*, 1997). Demonstrou Deacon que a linguagem, exclusivamente humana e simbólica, é uma atividade centralizada em sentido que evoluiu com o rápido desenvolvimento dos lobos frontais do cérebro. Nem os computadores ora existentes, nem mesmo os símios mais desenvolvidos (com raras e limitadas exceções), podem usar linguagem, porque carecem dos recursos do lobo frontal para lidar com o sentido. Este livro mostrará que todo o programa de pesquisa de Deacon sobre a evolução da imaginação simbólica e seu consequente papel no cérebro e na evolução social dá sustento à faculdade da inteligência que estamos chamando de QS.

USANDO O QS

Em termos evolutivos, o trabalho neurobiológico de Deacon sobre a linguagem e a representação simbólica demonstra que, literalmente, usamos o QS para desenvolver nosso cérebro humano. O QS instalou em nós a “fiação” necessária para nos tornarmos quem somos e nos fornece o potencial de instalar “nova fiação” – para crescimento e transformação, para evolução ulterior de nosso potencial humano.

Utilizamos o QS para sermos criativos. Recorremos a ele quando precisamos ser flexíveis, visionários ou criativamente espontâneos.

Nós o usamos para lidar com problemas existenciais – problemas em que nos sentimos pessoalmente num impasse, na armadilha de nossos velhos hábitos, nas neuroses, ou quando temos problemas com doença ou sofrimento. O QS nos torna conscientes de que temos problemas existenciais e nos dá meios para resolvê-los – ou pelo menos para encontrar paz ao lidar com eles. E nos dá um sentido “profundo” do que significam as lutas da vida.

O QS é nossa bússola “na borda”. Os problemas existenciais mais irritantes existem fora do esperado e do familiar, fora de regras dadas, além da experiência passada, além do que sabemos como resolver. Na teoria do caos, a “borda” é a linha entre a ordem e o caos, entre sabermos tranquilamente o que queremos e estarmos inteiramente perdidos. É também o lugar onde podemos ser os mais criativos. O QS, nosso senso profundo, intuitivo, de sentido e valor, é o nosso guia na borda. É nossa consciência. (Em hebraico, as palavras relativas à “consciência”, “bússola” e “verdade oculta, interior, da alma” têm a mesma raiz.)

Podemos usá-lo para nos tornarmos espiritualmente inteligentes sobre religião. O QS nos leva ao âmago das coisas, à unidade por trás da diferença, ao potencial além de qualquer expressão concreta. Pode nos pôr em contato com o sentido e o espírito fundamental subjacentes a todas as grandes religiões. O indivíduo com alto teor de inteligência espiritual pode praticar qualquer religião, mas sem estreiteza, exclusividade, fanatismo ou preconceito. De igual maneira, pode ter qualidades extraordinariamente espirituais sem ser absolutamente religioso.

O QS permite integrar o intrapessoal e o interpessoal, transcender o abismo entre o eu e o outro. Daniel Goleman escreveu sobre as emoções intrapessoais e interpessoais – as que compartilhamos com outras pessoas e usamos para nos relacionar com elas. Apenas o QE, porém, não pode nos ajudar a transpor o abismo. Precisamos do QS para compreendermos quem somos, o que as coisas significam para nós e como elas dão aos outros e a seus sentidos um lugar em nosso próprio mundo.

Utilizamos o QS para nos projetarmos mais completamente na direção das pessoas desenvolvidas que temos o potencial de ser. Todos formamos nosso caráter por meio de uma combinação de experiência e visão, de uma tensão entre o que realmente fazemos e as coisas maiores e melhores que poderíamos fazer. No nível puro do ego somos centralizados, egoístas, temos ambição de coisas materiais, e assim por diante. Temos, também, visões transpessoais de bondade, beleza, perfeição, generosidade, sacrifício etc. O QS nos ajuda a superar nosso ego imediato e nos estendermos para as camadas mais profundas das potencialidades ocultas existentes em nós. Ajuda-nos a levar a vida em um nível mais profundo de sentido.

E, finalmente, podemos usá-lo para enfrentar os problemas do bem e do mal, os problemas da vida e da morte, as origens mais profundas do sofrimento humano e, não raro, do desespero. Com excessiva frequência, tentamos racionalizá-los e eliminá-los com argumentos espúrios ou, então, somos por eles emocionalmente envolvidos ou arrasados. Para

dominarmos nossa inteligência espiritual precisamos, em algum ponto no tempo, ter visto a cara do inferno, ter conhecido a possibilidade do desespero, da dor, do sofrimento profundo, da perda, e também ter feito nossa paz com essas condições. “Quando somos unos com a perda”, diz o antigo texto chinês *Tao Te Ching*, “a perda é experimentada com satisfação.” Precisamos ter ansiado por longo tempo, na parte mais profunda de nosso ser, por um sentido que nos comova, pela sugestão de alguma coisa nova, alguma coisa pura, alguma coisa vivificadora. Nesse anseio, podemos ter esperança de encontrar o que aspiramos e compartilhar com outros os frutos dessa descoberta criativa. O rabino Abraham Heschel, místico judeu do século XX, disse o seguinte: “Estamos mais perto de Deus quando fazemos perguntas do que quando pensamos que temos as respostas.”⁶ Na mesma veia, o filósofo místico francês do século XVII, Blaise Pascal, escreveu, em nome de Deus: “Não estarias me procurando se já me tivesses encontrado.”

UM TESTE DE QS

As indicações de um QS altamente desenvolvido incluem:

- capacidade de ser flexível (ativa e espontaneamente adaptativo);
- grau elevado de autopercepção;
- capacidade de enfrentar e usar o sofrimento;
- qualidade de enfrentar e transcender a dor;
- qualidade de ser inspirado por visão e valores;
- relutância em causar dano desnecessário;
- tendência para ver as conexões entre coisas diversas (ser “holístico”);
- tendência acentuada para fazer perguntas do tipo “Por quê?” ou “O que aconteceria se...” e procurar respostas “fundamentais”;
- ser o que os psicólogos denominam “independente do campo” – isto é, possuir capacidade de trabalhar contra as convenções.

O indivíduo com alta inteligência espiritual será provavelmente também um líder inspirado pelo desejo de servir – uma pessoa responsável por trazer visão e valores mais altos aos demais e a lhes mostrar como usá-los ou, em outras palavras, uma pessoa que inspira outras. Neste livro, formularemos perguntas com as quais o leitor pode avaliar sua própria

inteligência espiritual e conversaremos também sobre pessoas que as têm em alto ou baixo grau.

APRIMORANDO O QS

A inteligência espiritual coletiva é baixa na sociedade moderna. Vivemos em uma cultura espiritualmente desvantajosa, caracterizada por materialismo, utilitarismo, egocentrismo míope, falta de sentido e recusa em assumir compromissos. Como indivíduos, porém, podemos agir para elevar nosso QS – na verdade, o prosseguimento da evolução da sociedade dependerá de haver um número suficiente de indivíduos que assim procedam. De modo geral, podemos aprimorar nosso QS passando a usar mais o processo terciário – a tendência de perguntar por quê, procurar conexões entre coisas, trazer para a superfície as suposições que vimos fazendo sobre o sentido por trás e no âmago das coisas, tornando-nos mais reflexivos, estendendo-nos um pouco mais além de nós mesmos, assumindo responsabilidade, tornando-nos mais autoconscientes, mais honestos com nós mesmos e mais corajosos.

A conclusão deste livro é feita com um capítulo sobre o que fazer para sermos espiritualmente inteligentes em uma cultura espiritualmente burra. A cultura do tipo ocidental, onde quer que exista no mundo, está saturada do imediato, do material, da manipulação egoísta de objetos, experiências e pessoas. Usamos mal nossos relacionamentos e o meio ambiente, da mesma forma que nossos sentidos humanos mais profundos. Sofremos de uma terrível pobreza de imaginação simbólica. Ignoramos as qualidades humanas e nos concentramos, cada vez mais freneticamente, em fazer coisas, em atos de “ganhar e gastar”. Negligenciamos tristemente o sublime e o sagrado que há em nós, nos outros e no mundo. Ou, como diz o teatrólogo americano John Guare, em *Six Degrees of Separation*:

Uma das maiores tragédias de nossa época é a morte da imaginação.

Acredito que a imaginação seja o passaporte que criamos para nos levar para o mundo real. Constitui outra palavra para descrever o que é unicamente nosso.

Olhar de frente para nós mesmos. É nisso que está a dificuldade. A imaginação é a dádiva de Deus para tornar suportável o ato do exame de consciência. Ela nos mostra quais os nossos limites e como

ultrapassá-los... a imaginação é o lugar aonde todos estamos tentando chegar...⁷

Pelo uso mais refinado de nossa inteligência espiritual e com o emprego de honestidade pessoal e da coragem que esse refinamento exige, podemos nos reconectar com as fontes e os sentidos mais profundos existentes em nós e usar essa reconexão para servir a causas e processos muito mais amplos do que nós mesmos. Nesse serviço, poderemos encontrar nossa salvação. Nossa salvação mais autêntica talvez esteja em servir à nossa imaginação mais profunda.